

## Profetismo: rumos atuais da pesquisa

Prof. Jaldemir Vitório SJ  
FAJE-BH

Início esta fala, citando umas palavras sábias de José Luiz Sicre, que produziu obras excelentes sobre o profetismo bíblico, ao se referir às pesquisas sobre o tema que nos interessa. “Nós, que dedicamos a vida a estudar os textos proféticos, temos de confessar, de vez em quando, que tudo o que fazemos é mentira. Os profetas não pretendiam que os estudássemos, mas que escutássemos sua voz e a puséssemos em prática. Qualquer estudo sobre eles acoberta boa dose de covardia” (*A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 6). Portanto, estudar os profetas, sem a preocupação de escutá-los e transformar seus ensinamentos em ethos, pode ser uma forma de escamotear o questionamento que nos fazem.

No *mare magnum* de estudos sobre os profetas, pergunto-me se é possível dizer, com precisão, quais os rumos da pesquisa atual. Considerando as peculiaridades de cada livro profético, com seu estilo, enfoque e interesse, pode-se pensar na multiplicidade de abordagens. Cada um exige abordagem própria. Por outro lado, não se pode olvidar a intrincada história da literatura profética bíblica, desde a palavra pronunciada por cada profeta, em seu contexto histórico, até a “edição” do que chegou até nós. É preciso perguntar-se pela autoria e pela finalidade desse imenso trabalho literário. A *Wirkungsgeschichte* da Palavra levou-a a dar frutos em situações novas, mantendo o vigor das origens e carregando uma mensagem capaz de manter viva a fé da comunidade em crise. Palavra e História ou Palavra na História são os eixos vertebradores da busca semântica dos textos proféticos. A ação dos Deuteronomistas, com a preocupação de conservar a fé de Israel, pode ser discernida nas entrelinhas dos textos atribuídos aos profetas. Talvez, se lhes deva aplicar as palavras de Robert R. Wilson: “Os responsáveis pela compilação e elaboração dos oráculos originais dos profetas não foram nem os próprios profetas nem autores criativos, e, sim, escritores que com seu trabalho buscaram interpretar as palavras dos profetas para torná-las eloquentes, em face de uma realidade nova. A força subjacente que impulsionava este esforço interpretativo não era o velho problema da profecia não cumprida, mas a convicção de que a palavra profética era fonte inesgotável de significado e suscetível de múltiplos cumprimentos” (“Los libros proféticos”, in John Barton (ed.), *La interpretación bíblica, hoy*. Maliaño: Sal Terrae, 2001, p. 258). No sulco aberto por Hermann Gunkel (1862-1932), abundaram os estudos a respeito do caminho trilhado pela palavra profética, até assumir a forma dos atuais livros proféticos. Porém, não falta quem se dedique a descobrir a estrutura interna dos livros proféticos, tarefa desafiadora pelo fato de os redatores não terem, pelo menos à primeira vista, organizado os textos proféticos a partir de um esquema, facilmente, discernível. Um traço importante dos estudos sobre o profetismo é a insistência nas dimensões éticas e teológicas dos textos bíblicos. Creio ser este o filão mais fecundo e importante. Por

ele, se permite aos profetas falarem para os nossos dias, tornando viva e atual sua mensagem.

Tendo sido superadas ideias tradicionais que atribuíam aos profetas a autoria dos textos bíblicos, ou, então, a preocupação com a psicologia dos profetas, no trato com a divindade, em cujo nome falavam, os livros proféticos são vistos como obras literárias, com largas porções de textos poéticos, e seu linguajar metafórico, a exigirem análise atenta, se se quer chegar à mensagem que veiculam. Entretanto, a natureza da literatura profética resiste ao enquadramento em sistemas rígidos e definitivos, a ponto de possibilitar contínuas releituras, sob variadas perspectivas.

Quero, aqui, falar do que se espera das pesquisas sobre o profetismo bíblico no Brasil. Ou seja, o que o contexto histórico-social-religioso-político exige de quem se dedica a estudar uma porção fundamental da Bíblia.

1. O tema fundamental diz respeito ao tópico mais difícil dos estudos sobre a profecia na Bíblia: o discernimento entre o verdadeiro e o falso profetismo. Os critérios oferecidos por Dt 18,21-22 e por Jr 28,7-9 são insuficientes. O critério oferecido por Jesus, em Mt 7,15-19, parece-me mais conveniente: “Pelo fruto, conhecereis a árvore”. Num momento em que o discurso religioso foi banalizado e qualquer pessoa, seja qual for a coloração religiosa, se sente no direito de falar em nome de Deus e arrebatam multidões, é urgente perguntar-se pelos critérios de discernimento do que é proclamado em nome de Deus. Muitos lobos em pele de ovelha abusam da boa-fé dos incautos fieis, com promessas mirabolantes, e fazem sucesso, numa sociedade em que o consumismo e a busca do bem-estar pessoal se tornam imperativos. A releitura dos profetas de Israel pode oferecer pistas excelentes para quem deseja assumir uma postura crítica diante da realidade, na condição de discípulo do Profeta Jesus, cuja ação se inspirou nos grandes profetas que o antecederam.
2. Outro ponto importante consiste em recuperar a concepção bíblica de profetismo, onde a previsão mágica do futuro carece de sentido. A visão popular do fenômeno profético deve dar lugar à concepção bíblica, de forma a motivar os cristãos a assumirem a vertente profética de sua vocação, nos passos do Profeta Jesus. Pensar o profeta como previsor mágico do futuro tem o efeito de entender o profetismo ligado à pessoas portadoras dessa capacidade e de desinteressar os discípulos do Reino de algo tão próprio de sua vocação. Evidentemente, esse caminho exige uma volta às fontes evangélicas da fé que nos confrontam com Jesus e com os Profetas de Israel no seu esforço de fidelidade ao Projeto de Deus, a ser vivido como Projeto Histórico, concretizado na prática do amor misericordioso e da justiça, tendo os pobres e os marginalizados como destinatários privilegiados.

3. Retomando uma ideia já aludida, somos desafiados refazer a leitura profética de Jesus e do discipulado cristão. A competição entre as igrejas cristãs, a preocupação com o dogma e com a doutrina, a tendência ao ritualismo e ao liturgismo, as leituras desencarnadas do texto evangélico têm o efeito maléfico de obscurecer uma dimensão incontornável do discipulado cristão, a dimensão profética. A fé cristã, desprovida de profetismo, torna-se desidratada e sem vida. O profetismo dá-lhe vida e dinamismo, por exigir contínuo engajamento na história, com o devido discernimento, na linha das metáforas evangélicas da luz, do sal e do fermento. Os profetas bíblicos oferecem chaves importantes para a leitura do texto evangélico.
4. O estudo dos profetas bíblicos torna-se imperativo se se quer recuperar a teologia e a espiritualidade bíblicas, na contramão do espiritualismo desencarnado de certos movimentos religiosos atuais. A fidelidade à fé bíblica exige revisitar a tradição profética, onde subjaz um esforço hercúleo de busca de fidelidade a Deus, expressa como prática do direito, da misericórdia e da justiça. A literatura cristã água com açúcar de autoajuda, tão popular entre os cristãos, por ter como autores indivíduos que se identificam como tais, tem sido fonte inimaginável de lucro. A teologia e a espiritualidade, nela veiculadas, nada têm de profético. Antes, promovem alienação e acomodação diante dos graves problemas que assolam a humanidade. A volta aos profetas pode ter como efeito promover uma teologia e uma espiritualidade militantes, onde o crente não cruza os braços diante dos desafios socioeconômicos; antes, arregaçam as mangas e se lançam na construção do outro mundo possível.
5. Um viés frutuoso dos estudos bíblicos sobre o profetismo seria a relação de Jesus com os profetas clássicos de Israel. A afirmação evangélica, tantas vezes repetida, “Para que se cumprissem as Escrituras...” carece de ser devidamente explicada, para se evitar mal entendidos. O testemunho dos profetas de Israel serviu de referência para Jesus se autocompreender e, também, para a comunidade cristã primitiva compreendê-lo. O passado ofereceu-lhes uma importante chave de leitura do presente, motivando-os a se comprometerem com o processo histórico, para colocá-lo no compasso do querer de Deus. Equivoca-se quem compreende a afirmação evangélica na dinâmica da previsão-realização, ainda presente na fala de muitos pregadores cristãos. Os discípulos do Reino poderão ser ajudados na vivência da fé se tiverem em mãos estudos competentes dos textos proféticos, capazes de lhes descortinar o testemunho de fé dos profetas bíblicos e de Jesus.
6. Uma contribuição inestimável dos estudiosos do profetismo bíblico seria a elaboração de uma hermenêutica aplicável aos textos proféticos, fazendo

jus às suas múltiplas facetas, a começar pelo caráter metafórico da linguagem profética, passando pela relação entre palavra e história, pela explicitação do pano de fundo teológico da palavra profética, pela gênese da tradição literário-profética da Bíblia até chegar à forma com a temos. A explicitação da semântica dos textos proféticos supõe o conhecimento de elementos desconhecidos pela imensa maioria dos leitores da Bíblia, até mesmo quem, pertencente a alguma igreja cristã, declara-se, com convicção, ser grande conhecedor da Bíblia. Esse seria um caminho de superação das duas pragas recorrentes na leitura do texto bíblico: o fundamentalismo e o historicismo.

7. Creio que o estudo da crítica bíblica ao culto, ao Templo e às tradições religiosas poderia ser útil no sentido de criar nos cristãos uma postura distinta diante das próprias igrejas cristãs, mormente, no que têm de contrário ao projeto de Jesus. Aliás, os Evangelhos nos apresentam Jesus muito afinado com os profetas de Israel no tocante à postura crítica das práticas religiosas. Isto lhe custou a vida, assim como custou aos profetas de outrora a perseguição e a indiferença, vítimas da tentativa de serem calados. Muitos cristãos perderam a capacidade de criticar as instituições a que pertencem, chegando ao ponto de absolutizá-las e assumir posturas fanáticas e intransigentes. Os textos proféticos poderiam ter como efeito gerar posturas mais afinadas com o projeto de Deus, que permitiu ao profeta Jesus afirmar que “o sábado foi feito para o ser humano e não o ser humano para o sábado” (Mc 2,27), em sintonia com Isaías que afirmou, falando em nome de Iahweh: “Estou farto de holocaustos de bodes, de gordura de touros. Detesto sangue de novilhos, de cordeiros, de cabritos... Odeio vossas luas novas e dias santos. Quando estendeis as mãos para mim, desvio o meu olhar” (1,10-17). Tudo por causa da religião conivente com a injustiça.
8. O estudo literário-teológico dos textos proféticos poderia favorecer a identificação dos discursos proféticos, identificáveis na pluralidade incontável de discursos da sociedade hodierna. Quiçá os biblistas poderiam prestar uma valiosa ajuda, no sentido de valorizar a profecia em nossos dias, mostrando como se insere no grande movimento profético que antecede Israel e vai além dele, por corresponder à experiência humana de abertura para a transcendência, em contexto de inserção na história, onde a palavra profética é proclamada. Sem dúvida, muitas falas proféticas se perdem por faltar quem lhes dê o devido valor e se preocupe por conservá-las e difundi-las, como aconteceu com os profetas de Israel. Embora se diga que nosso mundo careça de profetas, é possível descobrir a presença do fenômeno profético disseminado na sociedade, porém, desconhecido de

uma sociedade avessa à Transcendência e fechada no imanentismo das ideologias materialistas, com as consequências, sobejamente, conhecidas.

A lista das tarefas dos biblistas dedicados aos estudos sobre o profetismo bíblico poderia se alongar. Entretanto, bastam as sugestões acima para se tomar consciência das muitas possibilidades de desdobramento dos estudos bíblicos, no tocante à literatura profética, sem que se possa ter a pretensão de esgotar o manancial de sentido, escondido por trás das palavras dos profetas de Israel.

E-mail do autor: [jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br](mailto:jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br)